

História e historiografia da Escravidão no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul

Maria do Carmo Brazil^{1*}

Resumo:

A presente comunicação se inscreve na corrente de esforços acadêmicos no sentido de garantir a visibilidade à história e historiografia da escravidão do antigo Mato Grosso. As representações historiográficas sobre o passado de Mato Grosso silenciaram diante da realidade escravista, quadro que perdurou até a década de 1980, quando alguns estudiosos arriscaram a alterá-lo. A proposta analisa, portanto as contribuições pioneiras de Lúcia Helena Gaeta Aleixo, Luiza Rios Ricci Volpato, Edvaldo de Assis, Maria de Lourdes Bandeira, Elaine Cancian, Zilda Moura entre os poucos que tomaram o negro escravizado como objeto de reflexão científica. Neste trabalho, retomamos a discussão sobre a produção historiográfica desde a década de 1980 até hoje, para ressaltar o papel do cativo africano e afro-descendente no centro-oeste brasileiro, considerando os ensaios produzidos em torno do tema na região. Enfim, reúne estudos relacionados à escravidão, elaborados, principalmente às vésperas do centenário da abolição, como parte de construção de suporte referencial para novas análises e interpretações.

Abstract

This communication enrolls in the line of academic effort that seeks to guarantee the visibility to the history and historiography of the slavery of old Mato Grosso state. The enslaved worker from Mato Grosso was omitted of the historiographic representations during the slavery period, what was become worse in the present by the historiographic silence in this subject. That outline remained until the decade of 1980, when some specialists took a risk to change it. The proposal analyzes the pioneering contributions of Lúcia Helena Gaeta Aleixo, Luiza Rios Ricci Volpato, Edvaldo de Assis, Maria de Lourdes Bandeira, Elaine Cancian, Zilda Moura among the little that took the black enslaved as object of scientific reflection. This work retakes the historiographic production of the decade of 1980 to today, on the paper of the African and afro-descending captive in the Brazilian center-west, starting from, above all of the essays produced around the theme in the region. Finally, it joins studies related to the slavery, elaborated, mainly closed the centennial of the abolition, as part of construction of support to historiographic reference, contributing for new analyses and interpretations.

1. Nos mais remotos recantos ...

Desde meados do século 16, o Brasil empregava o trabalho compulsório do nativo nas atividades econômicas mercantis. Devido ao esgotamento tendencial daquela população e a pressão dos interesses envolvidos com o tráfico triangular, o trabalho do nativo foi gradativamente substituído pelo dos africanos, comprados ou trocados na África por produtos baratos europeus.

¹ Professora Titular em História do Brasil da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da FCH da UFGD. Autora, entre outros, de *Fronteira Negra: Dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso 1718-1888*. Passo Fundo: EdiUPF, 2002. E-mail: mcbrasil@ufgd.edu.br.

A obra *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, do jesuíta italiano André João Antonio Andreoni, de 1711, já mostrava a ética mercantil do homem de *cabedal* e de *governo* (ANDREONI,1982) . A obra de Antonil revela nitidamente a expressão pura da visão mercantil da exploração colonial e os procedimentos de senhores que assumiam o governo das unidades produtoras nas mais diversas e internas áreas do país.

No Brasil litorâneo, sertanejo, fronteiro ou pampiano, o proprietário de uma empresa agrícola, ao organizar a produção, tornava-se o agente gerador da opulência apontada pelos contemporâneos da escravidão e, ao mesmo tempo, de atividades capazes de promover a acumulação escravista de capitais.

Durante mais de três séculos, a escravidão foi alimentada, sobretudo por uma profusão de africanos, vítimas do exílio forçado, humilhação, sofrimento e iniquidade do tráfico transatlântico. O cativo era “mãos e pés” do escravizador, no dizer de Antonil, em cuja análise sobre o escravismo colonial consta destaque sobre o grau inusitado da exploração da força de trabalho e o caráter mercantil da produção apoiado no trabalho escravizado. Esse aspecto evidencia-se em carta enviada à Coroa pelo primeiro Capitão General da Capitania de Mato Grosso, em 1751: “(...) é circunstância essencial à introdução de negros, pois Vossa Excelência sabe muito bem, os brancos sem eles em toda parte da América, e principalmente em minas quase se pode dizer que são inúteis.” (MOURA, 1982, 122-123).

Apesar da importância da escravidão na história brasileira, Jacob Gorender sustenta no clássico *O escravismo colonial* que apenas nos anos 1970 a historiografia brasileira quebrou realmente o silêncio sobre o trabalhador escravizado enquanto categoria social essencial no passado do Brasil (GORENDER, 1988). Desde os anos 1960, cientistas sociais engajaram-se na explicitação da violência que marcou objetiva e subjetivamente a relação escravizador e trabalhador escravizado. Entre outros, Benjamin Péret (1956), Clovis Moura (1959), Viotti da Costa (1966), Alípio Goulart (1972) prepararam as os trabalhos germinais de Ciro Flamarion Cardoso (1973) e Jacob Gorender (1978) que assentaram os conceitos do modo escravista colonial, como modo de produção “historicamente novo” e dominante em importantes regiões da América. As dimensões sociais, políticas e culturais do escravismo tornaram-se objetos de outras abordagens, ensejando enfoques sobre novos temas e espaços geográficos não contemplados pela historiografia.

2. Estudos escravistas no Mato Grosso

Em 1975-77, com base nos documentos compulsados no Arquivo da Câmara Municipal de Corumbá, a historiadora corumbaense Eunice Ajala Rocha (ROCHA, 1976-1977)

desenvolveu pesquisa pioneira sobre a presença negra em Mato Grosso, especificamente em Corumbá. O trabalho, *O processo de emancipação dos Escravos na Vila de Santa Cruz de Corumbá (1873-1888)*, foi publicado pela *Revista Dimensão*, na então Universidade Estadual de Mato Grosso. Em 1978, quando do bi-centenário da fundação das cidades de Corumbá e Cáceres, Gilberto Freyre, publicou o livro *Contribuições para uma sociologia da biografia*, dedicado ao fundador das duas cidades históricas. (FREYRE, 1978). A valiosa obra enfatiza diversos aspectos antropológicos, sociológicos e históricos do domínio português na Colônia, lançando as primeiras luzes sobre a escravidão no Mato Grosso. (BRAZIL, 2005, P. 7-14).

Gilberto Freyre revela que os órgãos de defesa fronteiriça instalados por iniciativa da política lusitana, ampliaram a necessidade de mão-de-obra e, portanto, a considerável entrada de negros *boçais e ladinos* na Capitania. Trabalhadores escravizados foram utilizados na derrubada da compacta mata para erguer casas e quartéis, na retirada e no transporte de pedras dos rochedos da região ao local das construções, no trabalho de edificação das paredes das primeiras fortalezas mato-grossenses, na realização do serviço de taipa, na preparação de alimentos dos escravizadores.

Nos anos 1980, influenciados pelos novos estudos sobre a escravidão brasileira da década anterior, que abordavam novos temas e espaços, pesquisadores mato-grossenses impulsionaram a produção sobre a relação escravista na região. Potenciado pelas comemorações do primeiro centenário da Abolição (1988), publicaram-se artigos, livros, dissertações e teses sobre a escravidão em Mato Grosso. Estudiosos das Instituições de Ensino Superior de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul passaram a investigar o caráter variável e específico dessa região, para contribuir com a montagem do mosaico constitutivo e revelador da história social da escravidão no país.

Devido a esse esforço, hoje já é possível contar com significativa pesquisa em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul sobre a escravidão. Em 1986, Carlos Rosa publicou no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso dois artigos sobre a questão: *Escravidão e Terra em Mato Grosso - caso de Livramento (1727-1888)* e *Notas para uma história do espaço urbano*, sobre Cuiabá. No mesmo ano, o historiador negro Edvaldo de Assis publicou, também no Diário Oficial do Estado, o artigo *Negro Forro & Sociedade Escravocrata e Quilombos em Mato Grosso*.

Em 1984, o Departamento de Administração, Divisão de Documentação do Ministério da Fazenda, em Brasília, publicou a dissertação de mestrado *Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre (1850-1888)* da historiadora da UFMT Lúcia Helena Gaeta Aleixo. Ao eleger

um tema ligado à realidade regional, a historiadora ofereceu valiosas pistas para compreender outros ângulos da organização do trabalho na região, diante das imposições do processo capitalista.

Mato Grosso: Trabalho escravo e trabalho livre dispõe de análise sobre a utilização do trabalhador escravizado, em Mato Grosso, entre os anos 1850 a 1888, nas minas, plantações da cana-de-açúcar e nas atividades urbanas. Além disso, a autora disponibiliza documentos e pistas referentes a algumas cidades mato-grossenses, surgidas no período colonial, cujo cotidiano constam a presença de cativos que se especializaram nas funções de banqueiro, carpinteiro, carreiro, ferreiro, lavrador, oleiro, sapateiro, tropeiro, vendedor ambulante, purgador do açúcar, caldeireiro, serviço de alambique, taxeiro e pedreiro. (ALEIXO,1984. p. 55)

Em 1988, as comemorações do centenário da Abolição ensejaram impressionante esforço intelectual no sentido de estudar o passado escravista brasileiro. Em Mato Grosso não foi diferente, sendo promovidos eventos científicos, publicações de suplementos jornalísticos sobre o tema. A Revista do Arquivo Público de Mato Grosso (RAPMT, 1988) publicou levantamento da documentação sobre a escravidão no Mato Grosso e elaborou um Guia de Fontes da História da África, do Brasil e do negro na sociedade atual, do Arquivo Nacional. Maria Auxiliadora Azevedo Coutinho Gomes (GOMES,1998, p.11-25), então diretora do Arquivo, publicou na Revista o valioso estudo *O negro e a Violência* sobre a resistência do cativo, a partir de 250 processos crimes do acervo do Arquivo, sobretudo entre o período de 1800 e 1880.

Ainda em 1988, Maria de Lourdes Bandeira, da UFMT, publicou pela Editora Brasiliense, em co-edição com o CNPQ, valioso estudo de vocação antropológica, histórica e geográfica *Território negro em espaço branco* no qual destaca a singularidade do núcleo populacional de Vila Bela, no Mato Grosso, criado como signo do poder político português e, após ser abandonado pelos moradores originais, sobretudo brancos, foi ocupado por negros e mestiços que viviam na periferia da vila.

Nos anos 1990, impulsionada pelos estudos centrados na escravidão e as comemorações da data magna de 13 de maio de 1888, a comunidade intelectual mato-grossense, sobretudo da área de ciências humanas, desenvolveu trabalhos de fôlego sobre o as raízes escravistas regionais e as articulações com outras áreas do país. Em 1991, Luiza Rios Ricci Volpato defendeu a tese de doutoramento *Cativos do Sertão: vida cotidiano e escravidão em Cuiabá - 1850-1888*, na FFLCH-USP, rápida e oportunamente editada pela Marco Zero, em associação com a UFMT, em 1993.

3. Produções recentes no Mato Grosso do Sul

3.1 Fronteira negra

Fronteira negra: dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso: 1718-1888, título do livro publicado em 2002, como terceiro volume da Série Malungo da Editora da UPF é resultado nossa dissertação de mestrado, sob influência do impulso singularmente produtivo conhecido pela escravidão brasileira nos anos 1970 e 1980. (BRAZIL, 2002). A produção econômica, as dificuldades de comunicação, a proximidade da fronteira, a importância das comunidades nativas, etc. são fenômenos integrantes e integrados ao quadro delineado. (MAESTRI, 2002, p. 7-14).

O surgimento de *Fronteira Negra* abriu caminhos para novas pesquisas no sul de Mato Grosso, como *A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)*, redigido por Elaine Cancian (CANCIAN, 2005), e publicado como 11º título da série Malungo da Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF) e *Cativos nas terras dos pantanais*, recentemente escrito por Zilda Moura, trazido a lume pela Editora da UPF, como 15º título da coleção. (MOURA, 2008)

3.2 Escravidão e arquitetura

Ainda hoje a escravidão é vista com reservas por parte da comunidade e do meio acadêmico sul mato-grossense. Incorporar “os velhos casarões” ao tema assombrou pesquisadores envolvidos na história da antiga cidade de Corumbá. Investigar as relações entre “escravidão, arquitetura e estética urbana” representava verdadeira “*travessia do Rubicão*”, ao desviar-se do tradicional culto às *elites do passado*, através de suas moradias, ainda tão comum na história da região.

Apesar do viés pouco percorrido pelos estudiosos da história e da arquitetura urbana regional, o estudo pioneiro *Sobrados e casas senhoriais de Cuiabá*, de Lenine Póvoas (PÓVOAS, 1980), publicado pela fundação Cultural do Mato Grosso, em 1980, e a dissertação de mestrado da arquiteta Vanda Alice Garcia Zanoni (ZANONI, 2000), representavam fundamentais pontos de partidas para investigações sobre o tema.

Em setembro de 1993, num evento de História promovido pela UFMS, discutimos a possibilidade de se organizar grupo de trabalho sobre “Arquitetura, ideologia e escravidão”, como objetivo de incorporar o comumente esquecido extremo oeste do país, e nessa direção dar visibilidade aos vestígios históricos, presentes na arquitetura urbana deixados durante o período escravista e pós-Abolição.

Na ocasião, ao visitarmos detidamente as antigas moradias da cidade, na companhia do Prof. Maestri, foi ensejada a idéia de estudos sobre Corumbá, cidade fundada durante o Período *Albuquerqueino* (1772-1789) para consolidar a ocupação territorial da Capitania de Mato Grosso e o domínio do rio Paraguai. Em forma semi-orgânica, seguimos naquele projeto, inicialmente através do estudo de clássicos como a *Cozinhas, etc.* e a *História da casa Brasileira*, de Carlos Lemos (LEMOS, 1989,2003); *Quadros da arquitetura no Brasil*, Nestor Reis Filho (REIS FILHO, 1978); *A arquitetura do açúcar*, de Estelzida Azevedo (AZEVEDO, 1990), etc., pela germinal obra, de Gilberto Freyre (FREYRE, 1936), que aborda as relações entre escravidão e arquitetura urbana no período colonial e imperial.

Em 2001, o historiador Mário Maestri publicou *O sobrado e o cativo: a arquitetura urbana erudita no Brasil escravista: o caso gaúcho* (MAESTRI, 2001), primeiro título da Coleção Malungo da UPF Editora, segundo o historiador Pedro Paulo Funari, que resenhou aquela obra, “estudo de caso, a indicar os caminhos de pesquisa para outras regiões do país”.

Em 2003, sob nossa orientação, Elaine Cancian de Almeida desenvolveu, com criatividade, quando da participação no Programa de Pós Graduação (*lato sensu*), a monografia *A Casa Senhorial Corumbaense – uma leitura do passado escravista através da arquitetura.(1778-1888)*.

Sob o título *A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)*, Elaine Cancian (CANCIAN, 2006) hoje professora do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a partir do traçado arquitetônico, do acervo arquitetônico, das formas de organização social da cidade de Corumbá, destacou, por um lado, a flagrante conservação de residências de segmentos dominantes da sociedade e, por outro, o evidente descaso quanto à conservação de edifícios modestos, casas humildes, barros miseráveis, vistos no final do século 19 e início do século 20 como entraves à modernização, à estética urbana e ao desenvolvimento da cidade portuária.

Com sensibilidade, Elaine Cancian ressaltou a função da cidade às margens do rio Paraguai, vista desde o período colonial como “jóia do Prata”, protegida por tribos guerreiras e cobiçada por nações vizinhas (REZENDE, 1939).

Em sua pesquisa, Cancian desvela com olhar criterioso pouco comum em uma jovem historiadora, a vida material dos homens abastados que, trajando *fraque e chapéu de Chile*, residiam nos lugares privilegiados da cidade *sonhada*, que contrastava com a cidade *socialmente construída*, referida por muitos como “rancharia pitoresca”, distante do fausto comercial, freqüentada por homens pobres, em grande parte negros, “descalços com suas camisas riscadas”.(MATOS,1936).

A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS), da historiadora Elaine Cancian, inscreve com singular pertinência na corrente de esforços interpretativos no sentido de garantir a visibilidade ao passado escravista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, valendo-se nesse caso do traçado urbano, da toponímia, da arquitetura, da escultura, da posição geográfica, enfim, do patrimônio material e imaterial.

3.3 Cativos nos pantanais

Cativos nas terras dos Pantanais resultou da investigação empreendida por Zilda Moura (MOURA, 2008), discente do Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF), sob orientação do Prof. Mario Maestri. Defendida em 10 de agosto de 2007, o trabalho redundou no livro *Cativos nas terras dos Pantanais. Escravidão e resistência no sul de Mato Grosso – séculos 18 e 19*.

Na compulsão de múltiplas fontes e materiais editados a autora encontrou inúmeros negros escravizados exercendo função de vaqueiros, peões, campeiros, roceiros e lavradores. Um ponto que chama atenção na leitura do livro *Cativos nas terras dos Pantanais* são os registros envolvendo *africanos livres*, de nação conguese, angolana e outras. Em relação a esse fenômeno Maestri teceu considerações: “(...) Formalmente livres, objetivamente escravizados, foram inexoravelmente consumidos pelos duros trabalhos da mineração, registrados na baixa expansão vegetativa que conheceram e nas fugas constantes que protagonizaram...”(MAESTRI, 2008, p. 15-20).

4. Economia Pastoril e escravidão: um projeto promissor

A produção pastoril no Piauí, no Mato Grosso do sul e no Rio Grande do Sul, de 1780 a 1930: um estudo comparado (2008), Projeto coordenado pelo Prof. Mario Maestri e fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) vislumbra grande possibilidade de avanço dos estudos sobre questões agrárias e trabalho em Mato Grosso do Sul.

A abordagem desta temática deve ensejar significativas reflexões sobre a forma distinta de organização da vida material e social da região dos pantanais, localizada no oeste brasileiro e sobre o processo singular de superação do escravismo, de ocupação do sertão do rio Paraguai e o advento do trabalho livre.

Referências Bibliográficas:

- ALEIXO, Lúcia H. G. *Mato Grosso. Mato Grosso: Trabalho escravo e trabalho livre (1850-1889)*, Brasília: Alvorada, 1984.
- ASSIS, Edvaldo de. Negro Forro & Sociedade Escravocrata. *Diário Oficial do Estado*. Cuiabá, MT, 1986
- _____. Quilombos em Mato Grosso. *Diário Oficial do Estado*, Cuiabá, MT, 1986.
- ANDREONI, João André (Antonil). *Cultura e opulência do Brasil: Por suas Drogas e Minas (1711)*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. p.43
- AZEVEDO, Estelzida B. *A arquitetura do açúcar: engenhos do Recôncavo baiano no período colonial*. São Paulo: Nobel, 1990.
- BRAZIL, Maria do Carmo. Corumbá, cidade sonhada, cidade construída. In: CANCIAN, Elaine. *A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2005, p. 7-14. (Coleção Malungo).
- BRAZIL, Maria do Carmo. *Fronteira Negra. Dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso -1718-1888*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2002. (Coleção Malungo).
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.
- FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da Biografia: O exemplo de Luiz de Albuquerque, Governador no fim do século XVIII*. Mato Grosso: Edição da Fundação de Mato Grosso, 1978.
- GOMES, Maria Auxiliadora Azevedo Coutinho. *O negro e a Violência*. Revista do Arquivo Público de Mato Grosso. Cuiabá, MT, 1988. V. 1, n. 4, set./87-mar./88. (Edição comemorativa dos cem anos de luta do negro pela sua emancipação na sociedade).
- GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. 5 ed. revista e ampliada. São Paulo: Ática, 1988. p. 1.
- LEMOS Carlos. *Cozinhas, etc*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *História da casa Brasileira*, São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MAESTRI, Mario. *Escravidão em Mato Grosso: o singular e o geral*. In: BRAZIL, Maria do Carmo. *Fronteira Negra. Dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso -1718-1888*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2002, p. 7-14.
- MAESTRI, Mario. *O sobrado e o cativo: a arquitetura urbana erudita no Brasil escravista: o caso gaúcho*. Passo Fundo: EdiUPF, 2001 (Coleção Malungo)
- MAESTRI, Mario. Quem construiu o Mato Grosso do Sul? In: MOURA, Zilda. *Cativos nas terras dos pantanais*. Escravidão e resistência no sul de Mato Grosso – séculos 18 e 19. Passo Fundo: Editora da UPF, 2008, p. 155-184. (Coleção Malungo), p. 19.
- MATOS, Lobivar de. *Sarobá*. Poemas. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936.
- PÓVOA, Lenine C. *Sobrados e casas senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO (RAPMT). Cuiabá, MT. V. 1, n. 4, set./87-mar./88. (Edição comemorativa dos cem anos de luta do negro pela sua emancipação na sociedade).
- ROCHA, Eunice Ajala. O processo de emancipação dos escravos na Vila de Santa Cruz de Corumbá (1873-1888). *Dimensão*. UFMS/CEUC, Corumbá, n.5/7, p.78-108, 1976-1977.

ROLIM DE MOURA, D. Antonio. *Correspondências*. Cuiabá, Imprensa Universitária, NDIHR/UFMT, 1982, p.p. 122-3

ROSA, Carlos. Escravidão e Terra em Mato Grosso - caso de Livramento (1727-1888). Notas para uma história do espaço urbano. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 1986.

RUBIM, Rezende. *Reservas de brasilidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, p.145. Col. Brasileira- 5ª série.

ZANONI, Vanda Alice Garcia. *A inserção do novo no existente: uma abordagem sobre reabilitação de edificações no Casario do Porto, Corumbá, MS* Porto Alegre: UFRGS/UNIDERP, 2000.